

+ + + + + + + + + + +
 + + I N O V A Ç Ã O + +
 + + + + + + + + + + +
 + + + + + + + + + + +

CLEMENTE NOBREGA*

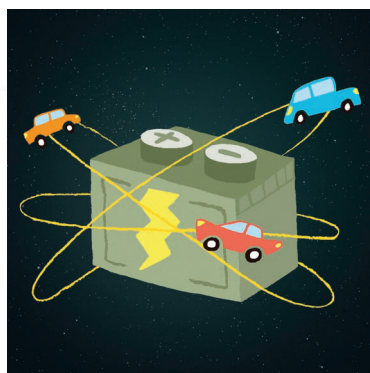


O poder da imaginação

Vale até mais do que a tecnologia, como mostra o exemplo do carro elétrico. Em vez de comprar o veículo, você comprará a quilometragem

Em 1900, debatia-se se o automóvel seria movido a eletricidade ou a gasolina. O motor a explosão e a bateria elétrica já existiam. Os experts apostavam na eletricidade, pois “ninguém iria querer viajar sentado sobre uma explosão”. A explosão ganhou. O que decidiu foi a imaginação de uma pessoa: Henry Ford. Foi ele quem criou a sociedade do automóvel a gasolina – o combustível adequado para viabilizar seu sonho: permitir que o cidadão pudesse explorar “os grandes espaços abertos por Deus”. Inovação raramente se apoia em tecnologia criada para um fim específico. Viagra? Acaso. A Pfizer buscava outra coisa e tropeçou nele. O fonógrafo? Para Thomas Edison, seria usado para registrar as últimas palavras de moribundos. O Google usou tecnologia até então inexistente – um algoritmo matemático melhor para achar coisas na internet. Mas algoritmo “solto”, desvinculado de um modelo de negócio, não dá dinheiro. Criado para resolver o problema de dois estudantes em suas teses de doutorado, percebeu-se que poderia ser usado para criar um novo negócio: uma agência de propaganda matemática. Que tese que nada, vamos ganhar dinheiro!

Imaginação vale mais que tecnologia. A sociedade que Ford criou



Carro grátis não é possível? Então pode ser baratinho, no mesmo modelo do celular pré-pago

depende de combustíveis fósseis. É insustentável. Cento e vinte anos depois, o carro elétrico ainda é visto como solução, mas as melhores baterias só dão autonomia para 150 quilômetros, e recarregar dura horas. Não dá. Shai Agassi, um empreendedor israelense, quer ser o novo Henry Ford fazendo o oposto. Quer montar redes de quiosques que serão postos de recarga. Você compra um plano pré-pago para usar a rede, que terá postos em toda parte – estacionamentos, shoppings, supermercados. Se você percorre três mil quilômetros por mês, compra um plano correspondente. A tecnologia será a que existe. Você não compra carro, com-

pra quilômetros. O carro será grátis. A bateria não será do carro, será parte da infraestrutura de energia da cidade. Um sistema GPS indica o quiosque mais próximo. Você recarrega enquanto trabalha/dorme/faz compras. Quer carga na hora? A rede tem postos tipo lava a jato: sem sair do carro, a bateria é trocada em cinco minutos por uma carregada. Abastece com elétrons, não gasolina. E rápido.

O modelo daria dinheiro? Fizemos as contas. Não fechou. Carro grátis não é possível, terá de ser como celular pré-pago: baratinho, mas pago. No iPod, a música é quase de graça (US\$ 0,99), mas você paga pelo aparelho. Aparelho de barbear é de graça. Você paga a lâmina. Alguma montadora teria de entrar na aventura e a Renault-Nissan topou. Governos teriam de baixar impostos para viabilizar. Israel e Dinamarca toparam. Com incentivos certos, espera-se sepultar de vez o fantasma de Henry Ford. A imaginação triunfaria de novo. Teríamos outro estilo de vida e cidades limpas graças a um mercado de massa para carros elétricos. Se der certo, não terá sido graças a nenhuma tecnologia nova. Mas graças à imaginação engendrando apelos irresistíveis. **EN**

WWW.EPOCANEgocios.com.br/CLEMENTE

* CLEMENTE NOBREGA É FÍSICO, ESCRITOR, CONSULTOR DE EMPRESAS E AUTOR DO BLOG IDEIAS E INOVAÇÃO NO SITE DE ÉPOCA NEGÓCIOS